**DOMINGO DE RAMOS**

**NA PAIXÃO DO SENHOR 2020**



**transmissão pelo Facebook**

**COMEMORAÇÃO DA ENTRADA DO SENHOR EM JERUSALÉM**

**Saudação inicial**

P. A comunidade cristã faz, hoje, memória da entrada de Jesus em Jerusalém. Noutras circunstâncias, haveríamos de nos reunir todos juntos, na nossa igreja, com a nossa comunidade, para viver o sinal da procissão com as palmas e os ramos de oliveira abençoados, imitando as multidões que acolheram Jesus e o aclamaram Rei e Senhor. E depois, participaríamos na celebração da Eucaristia. Este ano não é possível viver isto todos juntos, mas também aí, da vossa casa quereis aclamar Cristo neste dia. Quereis acolher o Senhor Jesus na vossa habitação e confiar-lhe a oração por todos nós, pelos nossos amados e por toda a humanidade. Pedimos para O seguir até à cruz e à ressurreição. A sua paixão mude o nosso coração, e torne a nossa vida rica de frutos de boas obras. Talvez tenhais convosco alguns ramos verdes ou ramos de oliveira. Vou proceder à bênção:

**Bênção dos ramos verdes ou ramos de oliveira**

P. Deus todo-poderoso e eterno, através de um ramo de oliveira anunciaste a Noé e aos seus filhos a tua misericórdia e a aliança com toda a criatura, e através dos ramos de árvores quiseste que o teu Filho Jesus fosse aclamado Messias, Rei da paz, humilde e manso, que veio para cumprir a aliança definitiva: olha para esta tuas famílias, que desejam acolher com fé o nosso Salvador, e concede-nos a graça de O seguirmos até à cruz, para participarmos da sua ressurreição. Ele que vive e reina pelos séculos dos séculos.

Todos: Ámen.

 **Proclamação da Palavra e meditação**

P. Rezemos juntos com o Salmo 46.

O Salmo pode ser rezado alternando dois leitores, ou alternando um leitor e todos, ou distribuindo as estrofes por cada membro da família, ou confiando as estrofes a um leitor enquanto os outros repetem o refrão.

Todos (refrão): **Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.**

Povos todos, batei palmas,
aclamai a Deus com brados de alegria,
porque o Senhor, o Altíssimo, é temível;
Ele é o grande rei de toda a terra.

Todos (refrão): **Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.**

Ele submeteu os povos ao nosso poder,
pôs as nações a nossos pés.
Para nós escolheu a nossa herança,
a glória de Jacob, seu predileto.

Todos (refrão): **Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.**

Deus subiu por entre aclamações,
o Senhor subiu ao som da trombeta.
Cantai a Deus, cantai!
Cantai ao nosso rei, cantai!

Todos (refrão): **Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.**

Pois Deus é o rei de toda a terra,
cantai-lhe um poema de louvor!

Deus reina sobre as nações,
Deus está sentado no seu trono santo.

Todos (refrão): *Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.*

Reuniram-se os príncipes dos povos
ao povo do Deus de Abraão.
Pois dependem de Deus os potentados da terra;
Ele está acima de todas as coisas!

Todos (refrão): Louvor e glória a ti, Cristo Salvador.

P. Vou acender as velas do altar. Em vossa casa, podeis acender uma vela. Escutemos de pé, o Evangelho: (pode ser lido a vozes):

Evangelho de N. S. J. C., segundo segundo Mateus (Mt 21,1-11)

Leitor 1: Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois discípulos, dizendo-lhes:

Jesus: Ide à povoação que está em frente e encontrareis uma jumenta presa e, com ela, um jumentinho. Soltai-os e trazei-mos. E se alguém vos disser alguma coisa, respondei que o Senhor precisa deles, mas não tardará em devolvê-los.

Leitor 1: Isto sucedeu para se cumprir o que o Profeta tinha anunciado: «Dizei à filha de Sião: “Eis o teu Rei, que vem ao teu encontro, humildemente montado num jumentinho, filho de uma jumenta”». Os discípulos partiram e fizeram como Jesus lhes ordenara: trouxeram a jumenta e o jumentinho, puseram-lhes em cima as suas capas e Jesus sentou-se sobre elas.
Numerosa multidão estendia as capas no caminho; outros cortavam ramos de árvores e espalhavam-nos pelo chão. E, tanto as multidões que vinham à frente de Jesus como as que o seguiam, diziam em altos brados:

Leitor 2: Hossana ao Filho de David! Bendito O que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!

Narrador: Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou em alvoroço.

Leitor 2: Quem é Ele?

Leitor 1: … perguntavam. E a multidão respondia:

Leitor 2: É Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia.

Breve Homilia

Escutámos o Evangelho que nos narra a entrada de Jesus na cidade de Jerusalém. Na proposta da nossa Diocese do Porto, a palavra-chave desta semana é “reinar”. Porquê? Porque neste Domingo, Jesus Cristo é aclamado, na Sua entrada triunfal em Jerusalém, como Rei e Redentor. Porém, é no dom de Si mesmo na Cruz, que a sua realeza se afirma e é aí, na Cruz, que se realiza a nossa redenção, a nossa salvação. A proposta para esta semana é esta: deixarmos Cristo reinar, tornando-Se Ele mesmo nosso Rei, “*para que permaneçamos unidos a Ele e demos fruto abundante de boas obras*”.

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

1.ª leitura | Salmo | 2.ª leitura | Aclamação | Evangelho da Paixão segundo São Mateus (cf. Guião próprio; sem signação, nem saudação do livro)

**Homilia no Domingo de Ramos A 2020 | Transmissão pelo facebook**

**1.** Estamos a iniciar a Semana Santa. E neste ano de 2020, todos os sinais visíveis e sensíveis, do mistério pascal, vivido com esplendor e beleza, na Liturgia da Igreja ou na piedade popular, estão como que *suspensos*, vedados à participação presencial do Povo de Deus: nem bênção dos ramos, nem procissão dos passos, nem lava-pés, nem o beijo à Cruz, nem a Vigília pascal, nem o compasso. O Mestre manda dizer, pelos seus discípulos, como outrora o fizera, para os preparativos da Última Ceia: “*é em tua casa, que eu quero celebrar a Páscoa*” (Mt 26,18). Este ano, não iremos entrar nas nossas Igrejas, para daí sair e encontrar Cristo no mundo. Nós estamos já, com Cristo, no meio do mundo, partilhando, nas mesmas condições de todos os outros seres humanos, a sua dor indistinta, o desamparo inelutável da solidão destes tempos de pandemia.

**2.** Esta *suspensão* da nossa participação nas celebrações da Semana Santa, este *jejum litúrgico*, só remediado pelas transmissões pela TV ou pela Net, dá expressão à *suspensão* do que há de melhor da nossa humanidade, e de que nos expropriaram, nesta pandemia: os afetos dos beijos e abraços proibidos; a impossibilidade de sair de casa a não ser em direção à fila do supermercado ou da farmácia. Pensar que não podemos acompanhar os doentes, como até aqui o fazíamos, e que estão suspensos os funerais e as humaníssimas práticas do luto! Ou, então, como nestas poucas semanas, disparou o desemprego, a precariedade, a pobreza e a solidão. Parece que nos foi suspensa, cancelada, negada, confinada, confiscada, e até expropriada, a parte mais bela e sagrada da nossa humanidade. E toda esta renúncia, toda esta distância, todo este esvaziamento afetivo, todo este aniquilamento, há de ser, deve ser, da nossa parte, um ato de amor, para proteger o próximo do contágio maligno e salvar a vida dos irmãos.

**3.** Ora – queridos irmãos e irmãs – é neste “*esvaziamento*”, nesta “*suspensão*”, que nos encontramos realmente com o mistério da Cruz do Senhor. Esta confiscação da nossa existência humana é a condição vivida, na primeira pessoa por Jesus, por Aquele que foi suspenso na cruz. São Paulo interpreta a Cruz de Cristo, como um aniquilamento: “*Ele que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio*” (*Fl* 2,6-7). Deus, em Jesus Crucificado, como que deixa “*suspensa na Cruz*” toda a Sua grandeza humana e divina, para se tornar solidário com a nossa solidão, para descer até aos abismos da nossa fragilidade. Suspenso na Cruz, também Jesus Se “*retrai-*”, por um momento, nos gestos e nos afetos; não realiza gestos miraculosos e abraça-nos, do alto, à distância, naqueles braços atados à Cruz. Esta suspensão de Cristo na Cruz não é um intervalo para apagar ou esquecer, é a prova maior do Seu amor, por nós. Mostra até onde Cristo é capaz de ir, para salvar a nossa vida. Este Cristo, traído e vendido, negado e abandonado, atado e manietado, insultado e despojado das vestes, está confinado na Sua Cruz, até gritar, por nós, dando voz ao nosso sentimento de abandono: “*Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste*” (Sl 22,2; Mt 27,46)?! Por isso, nenhuma dor, nenhum pranto, nenhum medo, nenhum confinamento humano lhe são verdadeiramente indiferentes.

Irmãos e irmãs: Não temos nada… mesmo nada… dos sinais tradicionais da Semana Santa. Mas temos tudo, para fazermos desta Semana Santa a mais santa de todas as Semanas Santas. Em tudo o que está suspenso, está também o sinal de Cristo, suspenso da Cruz, e do Seu amor por mim, por nós, até ao fim.

**Credo**

**Preces**

P. A nossa oração sobe ao Pai a partir da nossa família, unindo-se à oração de toda a grande família da Igreja, da que fazemos parte. Que, pela Paixão de Cristo, o coração de cada pessoa regresse ao Pai que o criou e redimiu, e assim a vida de todos seja se renove inteiramente.

R. Cristo, suspenso da Cruz, ouvi-nos!

1. Pela Santa Igreja: para que viva esta hora, com o olhar posto em Cristo, suspenso da Cruz, única fonte da esperança. R.
2. Pelos que governam: para que se tomem as medidas justas, adequadas e necessárias, no combate corajoso à pandemia. R.
3. Por todas as vítimas da pandemia: pelos doentes afetados pela COVID-19, pelos empresários em dificuldade, pelos empregados precários e pelos desempregados, pelos idosos e sós. R.
4. Pelos que estão na linha da frente do combate à pandemia: pelos profissionais de saúde, pelos voluntários, pelos que trabalham para garantir a saúde, a alimentação, os transportes e os serviços essenciais. R.
5. Por todos nós: para que vivamos esta “suspensão” das celebrações com a participação do Povo, unidos a Cristo, suspenso da Cruz, para nos salvar do contágio do pecado e da morte. R.

P. Pai Santo, dirige o olhar para a nossa família e para toda a humanidade. Pela intercessão do Teu Filho, que não hesitou em entregar-se às mãos dos malfeitores e a sofrer o suplício da cruz, acompanha-nos com Tua misericórdia, e sustenta no nosso coração a grande esperança, no amor mais forte do que a morte. Ele que vive e reina pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas**

**Prefácio próprio | O.E. II**

**Ritos da Comunhão**

**Ação de graças**

P. Voltemos o olhar para aquele que por nós foi trespassado.

Todos: Louvor e glória a ti, ó Cristo, Rei e Redentor.

Presidente ou Leitor: Senhor, Tu precedes-nos a cada dia, e nós seguir-te-emos passo após passo. Qualquer que seja o caminho, é maravilhoso caminhar contigo.

Todos: Louvor e glória a ti, ó Cristo, Rei e Redentor.

Presidente ou Leitor: Senhor, os nossos olhos contemplam o teu rosto, estão seduzidos pela tua infinita e misteriosa beleza. Qualquer que seja a maneira como te revelas, é maravilhoso contemplar-te.

Todos: Louvor e glória a ti, ó Cristo, Rei e Redentor.

Presidente ou Leitor: Senhor, a nossa boca balbucia o teu Nome, Tu inspiras as suas palavras e sons. Qualquer que seja a língua que te canta, é maravilhoso orar-te e louvar-te.

Todos: Louvor e glória a ti, ó Cristo, Rei e Redentor.

Presidente ou Leitor: Senhor, a nossa mão está estendida diante de ti, mais não somos do que mendigos de amor. Qualquer que seja o dom que nos ofereces, é maravilhoso recebê-lo de ti.

Todos: Louvor e glória a ti, ó Cristo, Rei e Redentor.

Presidente ou Leitor: Senhor, o nosso coração procura-te e anseia-te: não queremos outra coisa a não ser morar em ti. Qualquer que seja o lugar onde habites, é maravilhoso encontrar-te e estar contigo.

Todos: Louvor e glória a ti, Senhor Jesus!

**Oração pós-comunhão** (cf. Missal)

**RITOS FINAIS**

**Avisos**

1. Sinais públicos e familiares desta semana:

- Ramos: Cruz com ramos

- 5.ª feira santa: um único pão a repartir por todos

- 6.ª feira santa: pano vermelho na cruz; às 14h30: persianas fechadas, luzes apagadas, aparelhos eletrónicos desligados; às 15h00, silêncio orante. Beijo à Cruz.

- Sábado; vela acesa à janela; ao toque dos sinos lavar os olhos; antes de deitar tomar leite e mel

- Domingo de Páscoa: pano branco e flores na Cruz; oração familiar; anúncio pascal através de meios eletrónicos.

Nota: usar propostas celebrativas para a celebração da Páscoa na Igreja Doméstica.

2. Transmissões pelo Facebook da Diocese e canal Youtube da Voz Portucalense: 5.ª – 17h3o | 6.ª – 15h00 | Sáb.º – 21h30

3. Domingo – 11h00 (a partir do Facebook da paróquia e o meu pessoal)

**Bênção**

**Despedida**

**ARTIGO DE TOLENTINO MENDONÇA**

**Expresso-Revista, 4 de abril de 2020**

Começam os dias da Semana Santa. Desta vez, os cristãos não serão chamados aos seus templos para celebrar, em sagrado recolhimento, o mais essencial dos ciclos litúrgicos. Desta vez, não sairão cantando pelas ruas com ramos de oliveira e de palmeira, nem se sentarão depois por longo tempo, em comunidade, a escutar a leitura integral da pungente narrativa da Paixão. Desta vez, o sacerdote não lavará piedosamente os pés aos fiéis, para fazer memória do gesto semelhante que primeiro fez Jesus (de facto, o Evangelho segundo João narra o que Ele disse: “Compreendeis o que vos fiz? Também vós deveis lavar os pés uns aos outros”, Jo 13:12.14). Desta vez, os cristãos serão como sempre convidados a cumprir o jejum que a tradição prescreve, mas o santo madeiro não será exposto progressivamente diante dos seus olhos, nem farão em seguida o lento cortejo para venerar a cruz amparada pelos círios, enquanto o coro, na surdina de um gemido, sussurra a melodia dos impropérios. Desta vez, os cristãos não experimentarão, no final das suas liturgias de sexta-feira santa, que um grande silêncio e uma grande solidão se abateram repentinamente sobre o mundo ao qual eles regressam, porque eles estarão afinal já no mundo, e partilhando, nas mesmas condições de todos os outros seres humanos, a dor indistinta, o desamparo inelutável da solidão destes tempos.

Há, porém, neste desnudamento um sentido (ou uma possibilidade de construção de sentido) que não nos deve escapar. E um sentido — atrevo-me a dizer — “cristológico”, que não só não sai diminuído nesta dramática *reductio*, mas que nos permite mesmo mergulhar, porventura com outra intensidade, no âmago da fé no crucificado. Pois o sentimento que largos milhões de mulheres e de homens provam nesta hora é, nada menos, que uma radical expropriação da sua humanidade aconteceu.

O elenco e a natureza das coisas que nos estão vedadas é impressionante e isso representa um empobrecimento brutal da vida. Pensar que estão suspensas dimensões tão elementares como a proximidade entre nós humanos, a visitação, a experiência comunitária, o convívio, o contacto físico com que se expressam os afetos, a saída de casa que não seja em direção à fila do supermercado e da farmácia. Pensar que não podemos acompanhar os doentes como até aqui o fazíamos e que estão suspensos os funerais e as humaníssimas práticas do luto. Ou, então, como nestas poucas semanas, disparou o desemprego, a precariedade, a pobreza e a solidão.

Quando nos damos conta do que está a acontecer é impossível não se sentir expropriado de algo que é (ou deveria ser) universalmente sagrado. Ora esta confiscação da existência é a condição vivida na primeira pessoa por Aquele que foi suspenso da cruz. Por isso, nenhuma dor, nenhum pranto, nenhum medo, nenhum confinamento humano lhe é verdadeiramente indiferente. A cruz de Cristo expressa de um modo escandalosamente novo o espaço de Deus no mundo. Pois, o confinamento do homem revela o não-confinamento de um Deus que parte ao encontro de todos e abraça a todos, carregando sobre si as dores do mundo. Deus não está distanciado, indiferente à história e às suas convulsões. Deus não esquece ninguém. Recordo o poema que o teólogo Dietrich Bonhoeffer escreveu um ano antes da sua morte, no campo de concentração de Flossenbürg:

“Deus vai ao encontro de todos quando precisam/

sacia o corpo e a alma com o seu pão/

a morte da cruz ele morre por cristãos e pagãos/

 e perdoa a ambos.”

A cruz ensina-nos, assim, a solidariedade extrema de Deus, mostra até onde ele está disposto a ir para colocar a salvo cada vida.

Nesta semana santa, é a isso que nós cristãos somos desafiados: a reconhecer e a amar o ícone do crucificado na concreta expressão da existência dos nossos semelhantes.